

Introdução

Uma característica que salta aos olhos de quem ingressa no campo da clínica é o poder que as palavras adquirem quando proferidas no chamado *setting* analítico. É de causar surpresa quando percebemos os efeitos que são produzidos por alguma intervenção feita pelo analista ou até mesmo pelas próprias associações do analisando. Ao pensar sobre isto, surgem as seguintes indagações: que fator é este que faz com que as palavras ditas na clínica assumam um caráter tão especial se comparado às demais situações da vida das pessoas? Em outras palavras, qual a especificidade da relação que se estabelece na clínica que a diferencia das demais relações cotidianas? Essas são algumas das questões que a experiência clínica nos suscita.

O feliz encontro com os estudos da linguagem nos causou grande contentamento. Através desse campo de estudos nos deparamos com novas formas de conceber a linguagem e entrar em contato com um pensamento inovador, que até então desconhecíamos. Ingressamos, assim, na teoria dos atos de fala desenvolvida pelo filósofo J.L. Austin, segundo a qual a linguagem não tem apenas a função de representar o mundo ou o pensamento, como defendia a teoria clássica da linguagem, mas é forma uma de ação.

A partir daí, articular a especificidade da fala em jogo na clínica com a teoria austiniana foi um ato quase espontâneo. Esta concepção de linguagem parecia responder às inquietações que a clínica suscitava. Ao postular que as palavras são atos e através delas transformações são produzidas, que o sentido das palavras não são fixos, mas sempre relativos ao contexto em que são proferidas e ao momento de enunciação, que os atos ilocucionários (um dos aspectos dos atos de fala como veremos adiante) não são frutos de uma determinação ou propósito consciente, mas muitas vezes nos escapam, faziam desta teoria um campo fecundo de possibilidades de articulação com a psicanálise.

Nesta dissertação nos propomos desenvolver essas questões. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, já que são inúmeras as vias que podem ser exploradas e aprofundadas. Buscaremos focar o estatuto da linguagem – mais precisamente da fala – na clínica psicanalítica, tendo como pano de fundo a obra freudiana. Desde o início, o que nos motivou a investir nesta temática foi

perceber algumas ressonâncias entre Austin e Freud na forma de conceber a linguagem, apesar destes pertencerem a campos teóricos distintos e a épocas diferentes.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos um panorama da filosofia da linguagem, para em seguida nos determos na pragmática de J.L. Austin. Acompanharemos o percurso de sua teoria que partiu de uma diferenciação inicial entre enunciados constataivos e performativos, culminando posteriormente num transbordamento da performatividade por toda a linguagem. Após esta exposição, ressaltaremos a originalidade de sua tese e as profundas transformações que ela produz no tratamento da linguagem. Tentaremos mostrar que essas transformações fazem da teoria dos atos de fala uma teoria privilegiada para se pensar a linguagem em psicanálise.

No segundo capítulo, procederemos a uma análise da concepção de linguagem que podemos depreender de Freud, em diferentes momentos de seu percurso, nos apropriando, para isso, de conceitos pertencentes à teoria austiniana. Faremos uma passagem pela fase da hipnose, da teoria da sedução e abandono da mesma, dentre outros, até chegarmos ao texto de 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, no qual a linguagem passa a ter papel preponderante na emergência do sentido. Nosso interesse é enfatizar justamente os momentos em que a fala adquire um cunho performativo, e de como isto está diretamente correlacionado à prática clínica de Freud.

O terceiro capítulo tem como objetivo delimitar com maior rigor a noção de ato que está em jogo em psicanálise para, em seguida, iniciarmos uma incursão pela experiência clínica, através de uma apreciação do discurso do analisando. Faremos uma leitura dos atos falhos tendo como base o texto freudiano *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, e também do discurso em jogo na perversão a partir de uma perspectiva pragmática da linguagem.

O último capítulo é dedicado aos atos de fala do analista, dando maior atenção ao conceito de interpretação e à configuração do contexto analítico, tendo como interesse enunciar as intervenções do analista – suas interpretações e construções – como atos de fala, ressaltando as mudanças e transformações que são capazes de produzir.